

RITA MARQUES

**Ser Maria
É ser Mulher**



Título Original: Ser Maria é Ser Mulher

Autora: Rita Marques

Copyright © Rita Marques

Copyright © Editora Nova Geração

Coordenação Editorial: Tânia Roberto

Edição: Ana Margarida Caçador

Revisão: Beatriz Fonseca

Coordenação de Marketing: Iara Andrade

Design Interior/Diagramação: Tânia Roberto

Design de Capa: Catarina Branco

Imagen de Capa: Imagem mulher – Macrovector/Freepik

Rosas cabelo – Freepik

Rosas contracapa – Freepik

Marketeer: Iara Andrade

1º Edição: novembro de 2024

Acabamento/Impressão: Liberis

© 2024

Todos os direitos reservados.

Proibida a reprodução total ou parcial desta obra sem prévia autorização.

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens ou acontecimentos são fruto da imaginação da autora ou usados de forma fictícia e qualquer semelhança com pessoas e acontecimentos reais é mera coincidência.

Instagram.com/editoranovageracao

Facebook.com/editoranovageracao

Depósito Legal: 536903/24

ISBN: 978-989-9166-87-5



A todas as mulheres inspiradoras que continuam a cruzar-se comigo.
Às que não têm medo de viver intensamente os amores e os desamores.

Às que aprenderam a transformar a dor em arte.
A todas que usam a sua força diariamente
E às que ainda não descobriram a força que têm.

Somos todas Marias





Prólogo

As horas da madrugada eram as minhas favoritas para pôr os pensamentos em ordem. Sempre tinha sido assim. Mas, naquele momento, parecia sentir tudo de forma diferente. Com mais intensidade.

O silêncio fazia com que as ideias fluíssem com clareza e quase conseguia encontrar-me. *Quase*, porque às vezes, a minha mente ia para tão longe, divagando entre memórias e saudades, que eu acabava por me perder mais ainda.

Mas não podia continuar a pensar nisso.

Preferia desfrutar da vista fantástica da minha varanda, iluminada pelo brilho suave da lua e do céu estrelado, com a brisa do início do outono a fazer-me cócegas na nuca.

Concentrei-me nessa sensação e acendi um cigarro, pronta para desfrutar do momento de paz que tanto merecia.

Pelo menos era nisso que estava a pensar, até uma gargalhada melódica e cristalina quebrar o silêncio noturno, obrigando-me a regressar à realidade.

— Boa noite, moça.

Nem precisei de olhar para saber que era *ela*; a *mujer* que ultimamente aparecia para me acompanhar nos pensamentos tardios. O cabelo negro rodopiava-lhe à volta da cara esbelta e eu admirei-a de perfil, depois de me recompor do susto. Ela nunca dissera o seu nome e eu optara por começar a chamar-lhe Maria.

Tinha de admitir que era linda, demasiado linda para ser real. *Precisamente porque não é real*, relembrrei a mim própria. E não bastava a minha vida estar um caos, agora também descobria ser esquizofrénica e alucinada. *Ótimo*. Dei mais um trago longo no cigarro e decidi que, realmente, era melhor não falar sobre aquilo com ninguém.

— Sabe, estava precisamente a pensar no quanto precisava dum momento de paz. E de silêncio — sussurrei-lhe.

— Não estou aqui para tirar a tua paz, moça — sorriu, a boca vermelha

a assemelhar-se a uma pintura perfeita. — Sei muito bem no que estavas a pensar. E, se deixares de sentir esse medo e de achares que estás a ficar maluca, talvez seja precisamente paz o que vais encontrar.

Acendi outro cigarro e foquei-me nas luzes da cidade, ao longe. Fechei os olhos por um momento, respirei fundo e... talvez estivesse mesmo a ficar maluca, porque conseguia sentir a calma a apoderar-se do meu peito e, depois, do resto do corpo.

Olhei para a minha nova *amiga*, sentada ao meu lado, o vestido preto a refletir o brilho na lua. A expressão dela era indecifrável e eu tinha a sensação de que ela sabia muito mais do que partilhava comigo.

— Há duas semanas que me aparece aqui quase todos os dias, manda umas «postas ao ar» e desaparece. Quando é que me vai explicar porquê?

A gargalhada dela voltou a explodir, uma mistura de alegria e divertimento com mistério e ousadia.

— Mandar «postas ao ar» é uma expressão muito engraçada. Não se usava no meu tempo.

— E que tempo seria esse? — perguntei, a voz a sair-me num fio.

— Não queiras ter todas as respostas, moça. Ninguém tem. — Colocou-me uma mão no peito e surpreendi-me ao perceber que conseguia, de facto, *senti-la*. — Aquilo que precisas de saber já está aqui dentro. Tudo o que precisas de fazer agora é aprender a escutar. Não tens nada a temer.

Apercebi-me então de que não tinha medo dela. Por mais estranha e até disparatada que fosse aquela situação, e ainda que, por vezes, achasse estar a enlouquecer, a sua presença não me assustava.

Preparava-me para lhe responder, mas as palavras morreram-me na garganta. Desapareceu tão depressa como tinha aparecido, deixando-me novamente sozinha na varanda, acompanhada apenas pelo rodopiar do vento e do cheiro delicado a rosas que deixava sempre para trás.

Até à próxima, Maria.



Capítulo Um

Eu nunca acreditei no destino. Nem em coincidências. Também não acreditava ser capaz de me apaixonar, até ao dia em que percebi que o amor me apanhara nas suas teias e fizera estragos. Do meu coração restavam míseros pedacinhos e eu não sabia como poderia salvá-los.

Foi também nesse dia que descobri que a vida arranjava sempre maneira de nos surpreender; bastara um segundo para que todas as minhas certezas se desmoronassem em frente aos meus olhos.

Tinha a sensação de que o amor era apenas uma *coisinha* matreira e sufocante, que nos colocava à prova uma e outra vez e nos afastava de quem costumávamos ser. Eu não voltaria a confiar num sentimento que me destruiria.

A voz do meu chefe trouxe-me de volta à realidade e deixei que os pensamentos se desvanecessem.

— Vitória, importas-te de rever estes projetos e preparamos a apresentação? — Passou-me me três pastas lacradas para as mãos. — Vou estar em reuniões durante os próximos dias e preciso de delegar tarefas. Podes continuar mais tarde a tratar dos *press releases*.

— Sim. Claro, Lourenço — respondi, a tentar assimilar as suas ordens.

Ele afastou-se com um aceno e, enquanto o observava a caminhar, dei por mim a pensar que a minha vida podia, de facto, estar muito pior, se me tivesse apaixonado pelo meu chefe.

Continuava a ser um homem atraente e bem parecido, embora já estivesse perto dos cinquenta anos, mas era também um homem casado e pai de dois filhos. Além disso, era conhecido na empresa pelos seus humores instáveis.

O pensamento disparatado fez-me rir, pela primeira vez naquele dia, e voltei a atenção para as pastas que tinha em mãos, com projetos de publicidade que iriam para o ar nas próximas semanas.

À minha volta, continuava a agitação normal de um dia de trabalho numa agência publicitária — passos acelerados, conversas paralelas, telefones a tocar, o *tap tap tap* frenético dos teclados.

A minha mente parecia registrar tudo, sem conseguir concentrar-se em nada. Eu permanecia presa a suposições e a dúvidas, com as palavras da Maria ainda presentes, como se tivesse acabado de a ouvir.

Abri o *Google* e comecei a pesquisar sobre... *ver fantasmas*.

"Para a ciência, ver e ouvir fantasmas não tem nada de sobrenatural: tudo é criado pelo cérebro."

— Oh, ótimo. O meu cérebro sempre gostou de me pregar partidas. Não trabalharia com publicidade, se não fosse uma pessoa dotada de imaginação fértil — resmunguei num murmurório, para que os meus colegas não me ouvissem.

Continuei a fazer *scroll*, distraída com a quantidade de informação disparatada que existia na *internet*. Se calhar, pesquisar sobre fantasmas conseguia ser pior do que pesquisar sobre a dor de cabeça que estávamos a sentir e descobrir um hipotético cancro. Nada do que líamos iria ajudar-nos a encontrar respostas verídicas.

Mas o que é que me deu para estar a pesquisar sobre isto no trabalho?

Fechei as páginas todas e apaguei o histórico, voltando a minha atenção para as pastas que o Lourenço deixara.

— Vitória? Vitória! — A Diana, diretora criativa, estava a estalar os dedos à minha frente. — Estou a chamar-te há mais de cinco minutos.

Forcei-me a sair do transe e pisquei os olhos até conseguir ver-lhe nitidamente os caracóis loiros a balançar.

— Desculpa. Estou um bocadinho no mundo da lua, hoje.

— Hoje e todos os dias, na verdade. Acho que já faz parte do teu charme. — Ela sorriu-me e eu tentei sorrir de volta.

— Certo... sabes como é, imaginação fértil constantemente a trabalhar.

— Ainda bem que estás inspirada. Vou assumir agora uma reunião com uma empresa de café. O Lourenço diz que é quase certo que vão assinar a publicidade exclusivamente connosco, mas não me vai perdoar se os deixar fugir e eu gostava que tu estivesses presente. Duas cabeças pensam melhor do que uma.

— Claro que sim! Preciso mesmo de um projeto novo para me voltar a focar.

— Ótimo! Vamos tomar um café e já te dou um *briefing* com todas as informações de que precisas.



Uma reunião e duas horas mais tarde, estava pronta para encerrar o dia e deitar-me no sofá com uma taça de vinho. *Ou com a garrafa inteira.*

Mas, mal abri a porta do meu apartamento, percebi que teria de mudar os planos. O cheiro a comida a assar no forno alastrou-se pelos meus sentidos e a Matilde, uma das minhas amigas mais próximas, contornou a ilha marmoreada da cozinha para me receber, estendendo-me um copo com vinho.

— Pela Deusa, que susto! Relembra-me porque é que te dei a chave! — resmunguei, apesar de aquelas intrusões serem frequentes.

— Olá para ti também. — Deu-me um abraço rápido. — Deste-me a chave porque não queres morrer aqui sozinha e ser encontrada quando já fores um cadáver em decomposição.

— Teria piada se não fosse trágico.

— Não vais reclamar quando provares o jantar maravilhoso que te preparei. — Piscou-me o olho, de forma cúmplice. — E a seguir, vamos sair!

— Sair a meio da semana?! Como quando tínhamos vinte anos?! — A voz saiu-me aguda, denotando o choque.

— Há muito tempo que não nos divertimos como merecemos — disse, enquanto retirava a assadeira do forno.

Preparava-me para argumentar, mas fui agradavelmente distraída pelo aspeto delicioso do bacalhau com natas, quando a Matilde começou a colocá-lo em dois pratos. Dei um gole no vinho e o meu estômago ronrou em apreço. Soube imediatamente que tinha perdido aquela batalha.

— Não tens saudades das *noites míticas* que costumávamos ter? — instigou.

— Tenho mais saudades do que consigo dizer por palavras — confessei.

A animação começou a borbulhar-me no peito. Recordações das nossas *noites míticas* enquanto estudantes passaram pela minha mente, o barulho dos copos de *shot* a tilintar sempre que inventávamos um novo motivo para brindar. Foi o suficiente para me fazer concordar com aquele plano maluco.

— Muito bem, vamos sair! — exclamei, depois de levar uma garfada à boca.

Poderia preocupar-me com as consequências no dia seguinte. Afinal, um bocadinho de diversão nunca matou ninguém.





Capítulo Dois

Era nestes momentos que eu percebia que tomara a decisão certa ao trocar as minhas paredes claustrofóbicas por uma festa: na casa de banho mal iluminada do bar, o reflexo distorcido do meu rosto foi o suficiente para me fazer rir até às lágrimas.

— Acabaram as caipirinhas para a nossa mesa. — A Matilde olhou-me de esguelha, sem evitar rir-se também.

Duas miúdas com cara de enjoos entraram nesse preciso momento na casa de banho.

— Não sei qual é a piada que as pessoas encontram nestes sítios. A música está tão alta que nem consigo ouvir os meus próprios pensamentos — queixou-se uma delas, como se estivesse a sofrer.

— Algumas pessoas não querem ouvir os próprios pensamentos, querida — pronunciei a última palavra a revirar os olhos, com a voz totalmente arrastada pelo álcool e saí da casa de banho com a Matilde atrás de mim, a rir-se demasiado alto.

— Acho melhor encerrarmos a noite, não te parece? — A minha amiga tentava falar por cima do barulho da música, mas calou-se ao perceber que a nossa companhia tinha planos diferentes.

Encontráramos no bar o Lucas, um dos criativos que trabalhava comigo na agência, acompanhado por um amigo, o Bruno. Acharam por bem pagar as nossas caipirinhas e nós não nos opusemos.

Estenderam-nos dois copos cheios e nós olhamos uma para a outra, com sorrisos de divertimento a brincarem nos nossos rostos.

— Só mais uma não vai fazer mal — guinchou a Matilde e não demorou a dar-me a mão e puxar-me para a pista.

Fôramos contagiadas pelas bebidas doces, pela música alegre, pela energia das pessoas que dançavam de forma animada à nossa volta, pelas memórias que começavam a misturar-se com o presente.

Duas caipirinhas depois e com o bar a ficar vazio, indicando que se aproximava a hora de fechar, eu e a Matilde decidimos ir embora.

— Fiquem mais um bocado. Vamos beber pelo menos um *shot* para a

despedida. — O Bruno colocou um braço por cima dos meus ombros e falou perto do meu ouvido, para se fazer ouvir.

— Obrigada, mas fica para a próxima — forcei um sorriso e soltei-me do abraço indesejado. — Vemo-nos na agência amanhã, Lucas.

— Se eu conseguir ver alguma coisa. Ainda bem que a minha criatividade funciona melhor quando estou tocado.

A gargalhada saiu-me sem que eu a controlasse, porque nenhum de nós estava apenas «tocado». Estávamos completamente embriagados.

Saímos para o silêncio da rua, o ar noturno e fresco a contrastar com o ambiente quente e denso do bar. Olhei para o relógio, sentindo as recordações a virem novamente à tona.

Houve uma altura em que eu saía dos bares àquela hora, com *ele* a levar-me pela mão, ambos desejosos de chegar a casa e perdermo-nos nos braços um do outro. Tudo aquilo parecia ter acontecido noutra vida.

— Foda-se, já não vou dormir quase nada — resmunguei, para disfarçar.

— Temos de admitir que vale a pena abdicar de algumas horas de sono para ter noites destas. E o rapaz era bem giro e não parou de te fazer olhinhos a noite toda. Podias dar-lhe uma oportunidade e passar o resto da noite sem dormir. — A Matilde olhou para mim com cara sugestiva.

— Não faz o meu tipo... — disse e encolhi os ombros, à espera que o assunto terminasse por ali.

— Ai, amiga, desculpa! — Estava a falar muito alto, a fazer gestos teatrais com as mãos, denotando o quanto bêbada estava. — Já me tinha esquecido que o teu tipo são os *cretinos*. Se não tiverem cara de quem te vai arruinar a vida, nem vale a pena aproximarem-se.

— Diz o roto ao esfarrapado — respondi-lhe também alto demais.

As nossas gargalhadas entoaram pela rua deserta, enquanto o vento rodopiava ao nosso redor.

— Ainda bem que não está ninguém a ver-nos, ou iam pensar que somos maluquinhas! — exclamou, fazendo-me cair novamente no riso.



Demorei o dobro do tempo a chegar a casa do que tinha demorado até ao bar. Fui à cozinha buscar água, antecipando a ressaca com que iria acordar de manhã, mas, antes sequer de pegar no copo, fui interrompida.

— Essa carinha de felicidade combina muito mais contigo! — E ali estava ela. Sentada num dos bancos altos da cozinha, os caracóis

compridos iluminados pelos primeiros raios de sol que entravam pela janela, o vestido preto de cetim a esvoaçar e a boca mais vermelha do que nunca.

— Não me diga que também esteve connosco no bar — resmoneei, embriagada e sem paciência.

Ela riu-se, aquela gargalhada melódica que lhe era característica e que começava a ser-me familiar.

— Naquela espelunca? Nunca. Eu gosto de frequentar lugares elegantes. Mas acho que na atualidade isso perdeu-se um pouco.

Como sempre, as suas palavras trespassaram-me, envoltas numa neblina de mistério.

— Maria, acho que não é o momento mais indicado para conversas — disse-lhe, com a voz arrastada.

Ela levantou-se e veio até mim. Colocou-me a mão por cima do coração e, novamente, senti-me assoberbada com aquele gesto. Talvez fosse um efeito do álcool, mas, naquele momento, senti que poderia abraçá-la.

— Não vim cá para conversar muito. Só queria dizer-te que o teu lugar é lá fora. No *mundo*. A brilhar e a mostrar a toda a gente a mulher que és. *A mulher que pode ser quem ela quiser*. E não aqui, dentro destas paredes, a chorar e a cobrares-te por tudo e por nada — sorriu e começou a afastar-se. — Não te esqueças da água. Boa noite, moça.

E desapareceu. Fiquei paralisada no meio da minha cozinha, às escusas, outra vez com as emoções à flor da pele e com a cabeça às voltas, sem saber se isso se devia ao excesso de caipirinhas ou às palavras que acabara de ouvir.





Capítulo Três

Enquanto os dias avançavam e eu me atolava em trabalho, achei ter conseguido encontrar uma solução para os meus problemas. Não podia continuar a lamuriar-me por um passado perdido; precisava de me focar naquilo que era realmente importante, no que sempre fora prioritário: a minha carreira, a minha vida e as coisas que realmente me davam prazer.

Levantava-me cedo e ia, a correr, tomar banho e arranjar-me. Ia a pé para o trabalho, evitava o trânsito e a confusão dos transportes públicos e não pensava, porque a minha única preocupação era não me atrasar. Passava o dia na empresa e não pensava, porque o meu único foco era fazer um bom trabalho. E à noite levava trabalho para casa. Não pensava e, enquanto trabalhava, também não recebia visitas da Maria.

Talvez assim a minha vida se compusesse, finalmente.

Estava focada a preparar um *press release* quando o telefone tocou e me fez saltar na cadeira. Aquela porcaria, demasiado estridente, assustava-me sempre. E ainda me assustei mais quando vi que o botão que piscava era o do gabinete do Lourenço.

— Sim? — atendi num instante.

— Vitória, anda ao meu gabinete, por favor. — E desligou.

Congelei. Curto e seco. Ele nem sequer costumava estar na empresa àquela hora.

Talvez concentrar-me tanto no trabalho não tivesse sido uma boa ideia. Talvez tivesse feito alguma asneira. Enquanto dava voltas à cabeça e pensava onde é que podia ter errado,achei melhor não deixar o chefe à espera e ir logo falar com ele.

Bati e entrei sem esperar resposta.

— Senta-te, por favor — disse, sem tirar os olhos do monitor. — Vitória, a Diana entregou-me hoje de manhã todo o projeto para a campanha da *RealCaffé*. Acabei agora de falar com o responsável e eles estão prontos para avançar. Ficaram bastante entusiasmados. A campanha está excelente. Foi uma ótima ideia juntarem-se.

Tirou finalmente os olhos do monitor, olhou para mim e sorriu.

O meu suspiro de alívio deve ter sido audível, não só para o Lourenço, mas para o prédio inteiro. Não fazia ideia que estava tão tensa, até sentir o corpo a descontrair.

Mas, se era só isto que ele tinha para me dizer, porquê chamar-me ao gabinete? E porquê chamar-me só a mim, se a Diana é que era a responsável?

Como se estivesse a ler-me os pensamentos, continuou a falar.

— Além disso, quero dar-te os parabéns por todo o trabalho que tens feito a nível de redes sociais e tudo o que é digital, além de assumires a comunicação interna e externa da empresa. Hoje em dia, fazer um bom trabalho não é suficiente. É necessário expô-lo e tu tens feito isso de forma pertinente e eficaz. Por isso, gostava de te oferecer o cargo de Diretora de Comunicação. É teu, se o aceitares — sorriu-me, recostando-se na cadeira.

— Eu?! — gaguejei. — Eu, Diretora de Comunicação? — De tudo o que me passara pela cabeça, certamente, não esperara aquilo.

— Sim, tu. A menos que não queiras aceitar o cargo... A Diana disse que não havia ninguém melhor do que tu para tratar de redes sociais e lidar com a imprensa. Mas, obviamente, podes recusar, se as tuas ambições profissionais forem outras.

— Não, não, eu aceito. Claro que aceito! — Comecei a tossir, engasgada. — Desculpe, não estava nada à espera. Mas fico muito contente por confiar em mim para esta tarefa. *Hashtag* mãos à obra — brinquei.

— Além disso, — continuou a falar com um sorriso — no próximo mês completa um ano desde que chegaste à empresa.

Disfarcei o meu esgar, porque tinha-me esquecido completamente e não queria admiti-lo à frente do meu chefe.

— Gostava de te propor que passasses, a partir do próximo mês, a fazer parte dos quadros da empresa. E um aumento de dez por cento no teu ordenado, já a partir deste mês. O mundo da publicidade está cada vez mais competitivo, não me posso arriscar perder uma das minhas melhores contratações dos últimos tempos. Está aqui o contrato para assinares, se estiveres interessada. — Fez deslizar os papéis pela secretária polida.

Sentia-me colada à cadeira, embasbacada, as emoções a passarem por mim em catadupa.

— Desculpe, eu não estava mesmo à espera — pigarreei, recompondo-me. — Claro que estou interessada. Trabalhar aqui tem sido a melhor parte da minha vida.

O Lourenço sorriu e a seguir recostou-se na cadeira e olhou para mim com atenção.

— Fico claramente muito satisfeito com isso, Vitória. Mas o trabalho não é, nem pode ser, tudo na vida. Principalmente quando ainda não fizemos sequer trinta anos — sorriu. — Assina o contrato para dar entrada nos Recursos Humanos ainda hoje e, a seguir, podes ir para casa. A campanha da *RealCaffé* está pronta e o resto não é assim tão urgente. Mereces uma pausa.

— Oh, não. Não, não — Ir para casa mais cedo e sem trabalho? Nem pensar. Ia deitar por água abaixo as minhas conquistas dos últimos dias.

— É uma ordem, Vitória. A Diana também tirou o resto do dia de folga. Vão dar um passeio, beber um copo, olhem, vão às compras. As mulheres não costumam dizer que ir às compras é a melhor terapia? Faz o que te apetecer, mas fora daqui. Repito: a vida não é só trabalho.

Assenti desajeitadamente e assinei o contrato, pronta para ignorar aquela ordem.



Quando voltei para a minha secretária, encontrei a Diana a segurar um ramo de rosas amarelas nas mãos, com um sorriso rasgado. Entregou-mo e trocamos um abraço.

— Bom trabalho, miúda! Parabéns! — elogiou.

— Obrigada. E obrigada por me dares esta oportunidade. Tenho a certeza de que isto só aconteceu por causa da nossa campanha.

— Não, isto aconteceu porque tu és competente, esforçada e trabalhadora. A campanha que fizemos juntas foi só um acréscimo. Eu sabia que ias fazer um excelente trabalho. E sabes o que se diz por aí, mulheres empoderadas, empoderam outras mulheres. Essa história de que as mulheres são cabras umas com as outras, competitivas e tóxicas em ambiente de trabalho tem de ficar no passado.

— Não podia estar mais de acordo com isso. Somos melhores e vamos mais longe quando estamos unidas e lutamos pelo mesmo. — Era algo em que eu acreditava mesmo e ficava contente por me ter cruzado com alguém que partilhava a minha opinião.

— Desde que vieste para cá estagiar que eu sabia que ias brilhar aqui dentro.

— Meu Deus, isso foi há tanto tempo e já aconteceu tanta coisa, que poderia ter sido noutra vida.

Tinha feito um estágio curricular no último semestre da licenciatura, quando ainda nem sabia muito bem aquilo que queria. Tirei uma pós-graduação logo de seguida, trabalhei noutra agência de publicidade como rececionista, passei por várias lojas de roupa e acessórios... até que, há um ano, vi que a agência tinha vagas disponíveis.

— Olha, o Lourenço deu-me o resto do dia de folga e disse que ia fazer o mesmo contigo. O que achas de irmos tomar um café e conversar fora daqui? — perguntou e eu nem precisei de pensar duas vezes.

— Acho ótimo! Não me está a apetecer nada ir para casa — confessei.

— Vamos no meu carro! Conheço um sítio perfeito.



Capítulo Quatro

ADiana levara-me a um restaurante de tapas, com uma decoração rústica e aconchegante que fizera com que me sentisse imediatamente em casa.

Optáramos por jantar lá e, depois de algumas canecas de sangria, a conversa fluíra facilmente.

Voltei para casa com a sensação de que, finalmente, ia ficar tudo bem.

A Diana tinha-se oferecido para me levar a casa, mas o bar ficava apenas a dez minutos e eu achei que me faria bem caminhar e apanhar ar.

Pelo caminho, aproveitei para fazer uma videochamada com a minha mãe, contar-lhe as boas notícias e pedir-lhe para me vir fazer uma visita em breve.

— Prometo que vou da próxima vez que eu e o teu pai tivermos um fim de semana livre. Estou tão orgulhosa de ti. — Tinha os olhos a brilhar e a minha vontade de a abraçar só aumentava.

Morar a quilómetros de distância dos meus pais não era fácil; havia alturas em que as saudades apertavam e dava tudo para ter um abraço deles. Felizmente, mesmo à distância, eles sempre arranjaram forma de se fazerem presentes.

— Vou ficar à vossa espera! Estou cheia de saudades vossas.

Quando cheguei a casa, fui recebida por escuridão e silêncio. Era a primeira vez, em semanas, que não trazia trabalho para casa. Mas também não tinha a cabeça carregada de pensamentos desnecessários, então, o balanço era positivo.

Fui para a varanda, acendi um cigarro e peguei no telemóvel. A seguir aos meus pais, havia duas pessoas na minha vida com quem eu gostava de partilhar tudo: a Matilde e a Eva.

Éramos amigas desde a universidade. Tínhamos dividido casa na altura em que estudávamos e permanecíamos unidas desde então, apesar das carreiras e das prioridades diferentes. A Matilde era arquiteta paisagista e a Eva era nutricionista.

No passado, houve outra pessoa a quem desejava contar tudo. Contudo,

essa pessoa tinha decidido não continuar a fazer parte da minha vida. E eu não podia continuar a martirizar-me. As saudades e as memórias precisavam de ficar trancadas no passado; era lá que pertenciam.

Iniciei a videochamada no nosso grupo do *WhatsApp*.

A Matilde foi a primeira a atender, como sempre.

— Tens boas notícias ou queres partilhar um drama connosco? — perguntou, sem me deixar sequer dizer olá.

Realmente, era para isso que servia aquele grupo. Maioritariamente dramas. E *memes*, muitos *memes*.

Entretanto, a Eva juntou-se à conversa e contei a novidade às duas.

— Estou mesmo feliz! Acho que nem preciso de dizer, porque nota-se na minha cara — comentei, sem disfarçar o meu sorriso.

— Fico muito feliz por ti, amiga! — Os olhos da Eva brilhavam.

— Estava na hora de acontecerem coisas boas. Parabéns! — A voz da Matilde era, como habitual, pura excitação. — Agora já podemos marcar um jantar para celebrar e pôr a conversa em dia, certo? Porque nas últimas semanas só trabalhaste e ninguém te viu. Temos de atualizar os dramas!

A Matilde sempre fora a mais festeira, era óbvio que ela iria querer celebrar e eu não me iria opor.

— É verdade, temos algumas fofocas atrasadas — concordou a Eva.

— *Okay*, malta, não discordo. Marquem um jantar quando quiserem, onde quiserem!

— Amanhã à noite, em minha casa. A Eva trata da comida. Eu trato das bebidas. Vitória, tu tratas de arranjar entradas grátis para onde quer que seja que nos apeteça ir a seguir.

Ri-me. Era bom saber que algumas coisas não mudavam.

— Podemos encomendar comida, meninas — sugeri.

— Não, não, eu cozinho. — A Eva oferecia-se sempre. Era a única das três que verdadeiramente gostava de cozinhar. Foi graças a ela que não nos alimentamos exclusivamente de *fast food* e porcarias semelhantes durante os anos em que dividimos casa.

— Então, está combinado! — De repente, o sorriso da Matilde alargou-se mais. — *Chicas*, sabem o quanto vos adoro, mas acabei de dar um *match* no *Tinder*. Falamos amanhã. Apareçam às 20h.

— Matilde, eu não acredito que continuas a perder tempo nessa *app* — comecei a resmungar, embora não conseguisse evitar uma gargalhada.

— Não é perder tempo e vocês também deviam instalar. Mas tratamos disso amanhã. — E desligou sem se despedir.

Eu e a Eva continuámos a rir.

— Na verdade, ela não está errada, sabes? — A Eva parecia pensativa.
— Temos vinte e oito anos e continuamos solteiras. Quem sabe uma *app* de encontros não resolva o problema?

Parei para acender outro cigarro.
Na verdade, elas estavam solteiras.

Eu? Estava solteira, sim, mas, emocionalmente, continuava sem saber onde me encontrava. A tentar superar algo que não sabia, sequer, que nome lhe poderia dar.

Estar solteira e ter vontade de conhecer alguém eram, na realidade, coisas muito diferentes.

Forcei-me a sorrir, juntamente com a Eva.

Não ia permitir que aqueles pensamentos voltassem.

— Bem, eu acho que continuar solteira não é um problema. Mas podemos falar sobre isso amanhã à noite — brinquei, numa óbvia tentativa de desviar o assunto.

— Lembra-te que só te quero ver feliz. Vemo-nos amanhã, então. Parabéns, mais uma vez!

— Obrigada, amiga. Por tudo.

A Matilde e a Eva eram as únicas que sabiam tudo o que me tinha acontecido. E, honestamente, acho que nunca teria conseguido sobreviver se não fosse por elas.

Depois de desligar, olhei à minha volta, só para me certificar de que continuava sozinha, respirando de alívio quando vi que não tinha visitas.

Porém, no fundo, aquilo parecia-me estranho. A Maria tinha-me feito companhia durante dias a fio. De repente, deixara de aparecer.

Estaria eu a sentir saudades das conversas que tinha com um fantasma?

Era possível ter saudades de um fantasma?

Será que ela era mesmo um fantasma?

Os pensamentos desnecessários regressaram, mas apressei-me a abafá-los.

— Hoje não. Hoje nada me vai tirar a paz — afirmei, resoluta.

Voltei para dentro, tomei um duche rápido e enfiei-me na cama.

Coloquei um episódio de *Friends* — a minha série de conforto — e comecei a sorrir, sem necessidade de fingir.

Aquele dia fora um recomeço e eu tencionava aproveitá-lo.





Capítulo Cinco

Como começava a ser habitual na minha vida, a minha resolução não durou muito tempo. A última coisa que me apetecia fazer era trabalhar. E eu nem sabia porquê. Pegava nas redes sociais, ficava irritada. Olhava para os relatórios que tinha para ler, ficava aborrecida. Parecia que a energia, a alegria e a motivação do dia anterior me tinham abandonado sem motivo aparente.

Decidi que precisava de café, chocolate e um cigarro. Não necessariamente por esta ordem.

Fui até à copa e encontrei o Lucas agarrado a uma caneca de café. Tinha os olhos raiados e olheiras salientes, impossíveis de ignorar.

— Outra ressaca? — perguntei-lhe enquanto enchia a minha caneca com café e tirava um chocolate do cacifo.

Achei boa ideia tirar dois e oferecer um ao Lucas. Parecia que ele estava a precisar mais do que eu.

— Foi só uma noite complicada — respondeu, sem se alongar, mas pegou no chocolate que lhe estendia e deu uma trinca. — És a colega mais fixe de sempre, obrigada. Como é que eu nunca me lembrei de guardar chocolate no cacifo?

— Ainda és novato nisto. Com o tempo, aprendes que ter um *kit* de sobrevivência no cacifo, é indispensável. O meu inclui chocolate, um maço de tabaco e um isqueiro. E, normalmente, tenho os mesmos itens na minha mala. Se me esquecer de alguma coisa, tenho sempre material de reserva.

— Obrigado pelas dicas, mas, como eu não fumo, vou ficar pelo café e pelo chocolate. E rezar para que seja suficiente para fazer um bom trabalho hoje. Parabéns pela tua promoção, já agora.

— Obrigada! — Sorri-lhe. — E bom trabalho. É quase fim de semana.

O Lucas regressou ao trabalho e eu saí para a pequena varanda.

Um cigarro. Dois. O alívio era temporário, mas a distração seria sempre bem-vinda.

Voltei para a minha secretaria a contragosto. Felizmente, recebi uma mensagem da Eva e o meu humor melhor imediatamente.

Eva..

Preciso de fazer umas compras para o jantar.
Encontramo-nos no supermercado e vamos juntas
para casa da Matilde?

Combinado! Pago eu a sobremesa.

Eva..

Aceito! Até logo.

Passei o resto do dia a fazer pausas para fumar e tomar café, na esperança de conseguir acelerar aquelas horas que pareciam intermináveis. Quando finalmente o dia chegou ao fim, fui a casa trocar de roupa e substituir os sapatos que usava para trabalhar por umas sapatilhas confortáveis.

O supermercado ficava relativamente perto de minha casa, por isso, coloquei os *fones* e preparei-me para caminhar até lá.

Talvez isto fosse o que eu precisava para mudar completamente o meu humor: caminhar sem preocupações, sentir o ar do fim de tarde no rosto, observar o sol a desaparecer devagarinho no horizonte, uma noite de conversa e bebidas com as minhas amigas de sempre.

Afinal, estava tudo a correr bem. *A vida estava a correr-me bem.*

E, no entanto, o desânimo e a apatia dominavam-me, como se estivessem entranhados nas minhas veias.

O que é que me faltava?



Encontrei-me com a Eva no parque de estacionamento apinhado do supermercado, reconhecendo-lhe de imediato o cabelo avermelhado que lhe caía em suaves ondas pelas costas.

Trocamos um abraço apertado e tentei afugentar a espiral de mau humor que me acompanhara durante todo o dia.

— Pronta para a nossa *noite de garotas*?! — disse e o tom animado contagiou-me.

Ri-me e segui-a para o interior do supermercado e pelos corredores fortemente iluminados, enquanto ela enchia o cesto com os ingredientes de que ia precisar e tagarelávamos sobre banalidades. Como tinha prometido, comprei vários gelados para a sobremesa, sem me esquecer dos nossos sabores favoritos.

Saímos do supermercado com os sacos das compras, embrenhadas em conversas e a rir. O céu estava pintado nos tons suaves de lavanda e rosa, o dia começara a dar lugar à noite e sentia-se no ar a típica aragem revigorante do final de setembro. Estava tudo bem. Até deixar de estar.

Olhei em frente e lá estava ele. Os ombros largos, o cabelo quase loiro, o passo apressado e confiante.

O motivo do meu peito apertado durante o dia todo.

O meu coração parou de bater durante uns segundos breves.

Observei-o, aturdida, enquanto ele entrava no carro e acelerava, desaparecendo como se nunca tivesse lá estado — uma comparação perfeita com o que fizera na minha vida alguns meses antes.

Senti a mão da Eva na minha e, logo a seguir, o meu coração a voltar a bater.

Descompassado.

Foda-se.

— Estás bem? — A Eva estava mesmo ao meu lado, a segurar-me na mão.

Em algum momento, tinha conseguido pegar nos sacos que eu segurava.

Não me apercebera de nada do que estava a acontecer à minha volta nos últimos minutos. A única coisa que permanecia na minha cabeça era a imagem dele, num *loop* infinito.

— Sim — menti. A voz saiu-me embargada. Pigarrei. — Sim. Vamos para casa da Matilde.

Tentei parecer confiante. Empolgada. Mas, tinha a certeza de que só consegui parecer patética. Feliz ou infelizmente, a Eva era das pessoas que me conheciam melhor; lia-me os olhares e os silêncios. Não precisava de usar máscaras quando estava perto dela — mesmo que tentasse, não conseguia enganá-la.

— Pensei que essa história fosse um capítulo fechado.

— Pois. Eu também — suspirei. Sentia as lágrimas a picarem-me os olhos e a garganta a fechar-se num nó. — Não nos víamos há imenso tempo. Aliás, não *o via*. Ele nem sequer me viu.

— Ele é que perdeu! — afirmou, irritada.

— Está tudo bem. Está tudo bem — repeti. Não sei se tentava convencer a Eva ou a mim.

— Precisas de alguma coisa? — O olhar da Eva prendeu-se ao meu, a preocupação a bailar-lhe no rosto.

Abanei a cabeça, com o choque e a surpresa ainda a espalharem-se como ondas pelo meu corpo.

— Não. Vamos ter com a Matilde. De certeza que ela já está a preparar as bebidas e o álcool vai ajudar. Pelo menos, assim espero.





Capítulo Seis

Como esperara, ao chegar a casa da Matilde, ela já estava a preparar *mojitos*.

Durante a universidade, trabalhara em *part-time* como *bartender*, para conseguir pagar as despesas. Continuava a gostar muito de preparar bebidas, principalmente quando recebia amigos em casa.

— Quem está animada para uma *ladies night*, como nos bons velhos tempos? — Recebeu-nos com a sua habitual alegria e energia inesgotável.

Ao ver que não correspondíamos à sua animação, alternou o olhar entre mim e a Eva; a preocupação e a apreensão pintaram-lhe o semblante.

— O que é que se passa? — indagou.

Queria dizer-lhe que não era nada; queria esquecer aquele episódio aleatório e infeliz e partilhar com as minhas amigas a noite divertida e descontraída que merecíamos.

— Encontrámos o Lobinho. — A Eva falou por mim. Chamava-lhe Lobinho, por causa do apelido dele: Lobo.

— *O quê? O Vasco?*

— Sim. No parque de estacionamento do supermercado. A culpa foi minha, se soubesse, não tinha dito para nos encontrarmos lá.

— Não tiveste culpa nenhuma — atalhei. — Se não tivesse ido ao supermercado, iria vê-lo noutro lugar qualquer e todas sabemos disso. A nossa história sempre foi assim. É como se houvesse um íman que nos atrai um para o outro.

— Mas falaste com ele? — A Matilde serviu-nos rapidamente os *mojitos*, sem conseguir disfarçar a expressão atarantada.

Bebi um gole. Talvez dois. *Ou três.*

— Não. Só o vi de relance, por uns segundos, antes de ele entrar no carro e desaparecer. Ele nem sequer me viu — expliquei. — Posso ir à varanda? Preciso dum cigarro.

— Claro. Eu vou contigo, se a Eva não se importar de tratar do jantar sozinha.

— Oh, vá lá. — A Eva deu uma gargalhada débil. — Já teríamos morrido à fome se eu estivesse à espera da vossa ajuda na cozinha.

A Matilde saiu para a varanda e eu segui-a. Acendi o cigarro com dedos trémulos e inalei, na expectativa de acalmar os batimentos frenéticos no meu peito.

Terminei um, apaguei-o e acendi outro.

Um brinde aos meus hábitos saudáveis!

— Pensei mesmo que estavas no bom caminho para superar isto tudo.

— A Matilde olhava para mim e aparentava estar numa luta para encontrar as palavras certas.

Já eu, estava numa luta para tentar perceber o que sentia. Fitei distraidamente a pequena folha de hortelã que boiava no meu copo. Uma rajada de vento passou por nós, emaranhando-nos o cabelo.

— Não o via há tanto tempo... — suspirei. — Também não estava à espera de me voltar a sentir assim. Acho que foi um choque de realidade. Foi como voltar a ter noção de que ele ainda existe.

— Entendo... ele ainda existe e as memórias de tudo o que vocês viveram também.

— Sim, disseste bem. *Memórias*. Vê-lo foi voltar a sentir a montanha-russa de emoções que sentia antigamente. Não é algo bom. — Era a primeira vez que o admitia em voz alta e as palavras deixaram-me um sabor amargo na boca. — Talvez eu nunca venha a superar tudo o que senti pelo Vasco, mas a verdade é que já não sou aquela miúda que precisava de borboletas na barriga a toda a hora. E, definitivamente, já não sou mulher para viver numa constante interrogação, sem certezas de nada.

— Está tudo bem, Vi. Não há nada de errado em teres amado tanto e teres sentido tudo tão intensamente. Só que amaste uma pessoa que não sabia o que fazer com tanto amor. Independentemente de tudo, eu só quero, com todas as minhas forças, que voltes a ser feliz. Tu mereces alegria e emoções coloridas e toda a felicidade que este mundo te pode oferecer.

— Sou muito feliz por ter uma amiga como tu — disse-lhe, sem precisar de forçar o sorriso.

Dei mais um gole na bebida fresca e olhei para a Matilde, no escuro, ansiosa por mudar de assunto. Não queria continuar a scrutinar as minhas emoções contraditórias. Não podia continuar a pensar na forma como o meu coração se contorcera agitado durante o dia todo, como se adivinhasse que aquilo estava prestes a acontecer.

— Já coloquei a massa no forno, para gratinar. Daqui a nada está pronto — disse a Eva, assim que nos juntámos a ela na cozinha.

— Perfeito! — A Matilde retirou uma garrafa do meu vizinho rosé favorito do frigorífico. — Não nos vamos esquecer do verdadeiro motivo deste jantar. Vamos brindar ao sucesso da nossa Vi!

O barulhinho suave do cristal rodeou-nos quando fizemos o primeiro brinde.

— Matilde, então e o teu *match* de ontem no *Tinder*? — perguntou a Eva e a Matilde fez um esgar.

— Foda-se, nem me fales nisso. O rapaz devia ser incapaz de somar dois mais dois. Pelo menos, era incapaz de dizer duas frases seguidas sem me perguntar o que é que eu tinha vestido.

Eu e a Eva irrompemos numa gargalhada sonora e cúmplice. Ambas tínhamos ouvido histórias semelhantes demasiadas vezes.

— Então, mas é preciso saber somar para ires para a cama com ele? — A Eva fez a pergunta num tom que tinha tanto de troça como de provocação.

A Matilde bebeu um gole de vinho e olhou para nós.

— Meninas, nem tudo tem de ser sobre apaixonarmo-nos perdidamente, achar que encontrámos o homem das nossas vidas e querer ficar para sempre com eles. Às vezes, a vida é sobre aproveitar os bons momentos e saber divertirmo-nos. No entanto, para isso, preciso de encontrar alguém que também saiba *divertir-me*. Passar um bom momento não tem de ser só sexo. Há ocasiões em que uma boa conversa diverte muito mais.

— Desde quando é que te tornaste tão sábia? — indaguei, ainda a rir, enquanto a Eva colocava o tabuleiro de comida na mesa de vidro.

No entanto, a verdade é que concordava com tudo o que a Matilde tinha dito.

— Desde que percebi que somos mulheres poderosas e determinadas o suficiente para tomar as rédeas das nossas vidas.

— Eu brindo a isso. — A Eva levantou o copo, num convite que nós aceitamos.

Como acontecia sempre que estávamos juntas, tudo se tornara motivo para brindar.

— Bem... — continuou a Matilde — Isto não significa que o *Tinder* não seja interessante, porque é. Por acaso, antes de vocês chegarem, até fui lá dar uma vista de olhos. E acho que vocês deviam fazer o mesmo. Instalam e vêm o mercado. O amor até pode estar lá à vossa espera. Mas, se não estiver e se não vos interessar, vão divertir-se com o chuveiro e continua tudo bem.

— Por favor, não voltes a falar do chuveiro! Ainda me lembro do tempo que costumavas passar a “tomar banho”. — A Eva fez as aspas com os dedos, arrancando-nos gargalhadas sonoras e animadas.

— Oh, e os barulhos que ouvíamos vindos do quarto dela em determinadas noites? — provoquei.

— Nunca ouviram nada que eu não tivesse de ouvir também. Ou já não te lembras daquela vez em que o teu *engate* entrou no meu quarto, a achar que era a casa de banho?

— Ele não era o meu *engate* — enfatizei, recordando o episódio embarçoso. — Fui obrigada a fazer um maldito trabalho de grupo com ele!

— Podes contar essa história quantas vezes quiseres. — Apontou o garfo na minha direção, acusadoramente. — Eu nunca vou acreditar.

— Acho que devíamos fazer isto, pelo menos, uma vez por semana — disse a Eva, disfarçando uma gargalhada. — Sem encontros indesejados, claro. Só nós as três, a beber vinho descontraidamente, a recordar os velhos tempos e a fingir que voltámos a ser miúdas sem grandes responsabilidades, cuja única preocupação era acordar a tempo de não faltar à primeira aula.

O barulho dos copos a unirem-se num brinde voltou a fazer-se ouvir, assim como as nossas expressões animadas de concordância.

Algumas das minhas memórias mais felizes tinham sido partilhadas com elas; até as noites *stressantes*, antes de um exame, se tornavam divertidas quando estávamos juntas. Sabia que, se pudesse voltar no tempo para qualquer altura da minha vida, voltaria para os anos em que vivíamos juntas sem pensar duas vezes.

No entanto, não me podia esquecer de tudo o que tinha vivido desde aí. Nem tudo tinha sido mau — inclusive na minha história com o Vasco, tinham acontecido muitas coisas boas. E era a isso que me agarrava para permitir que a minha vida avançasse.

— E então, para onde vamos a seguir? — perguntou a Matilde.

— Eu vou fumar um cigarro. — Fingi-me desentendida e levantei-me, saindo para a varanda.

A energia delas contagiava-me, porém, o meu coração continuava a bater acelerado contra as costelas; conseguia sentir a pulsação na garganta, enquanto inalava e exalava. As minhas mãos continuavam a tremer. A imagem do Vasco a desaparecer no fim de tarde parecia estar gravada no interior das minhas pálpebras.

Era como se o meu corpo tivesse vontade própria. Como se tudo o que sentia fosse maior e mais forte do que eu.

— Vi, a Eva diz que só vai até ao bar se tu fores! — A Matilde gritou, claramente já tocada pela bebida.

Suspirei e voltei para a sala. A Matilde fez-me sinal para as garrafas vazias.

— Já bebemos tudo — lamentou-se, com um beicinho teatral.

— Eu acho que vocês deviam encontrar um bar fixe, com rapazes fixes, para passarem o resto da noite. Eu vou para casa. Preciso de passar em algum lugar aberto vinte e quatro horas para comprar tabaco. — Abanei o meu maço praticamente vazio.

— Porque é que não vamos sair as três? Podes comprar tabaco em qualquer bar. — A Eva alternou o olhar entre a minha cara e o maço. — Todas sabemos que, mesmo que vás agora para casa, não vais dormir.

Era verdade e, mais uma vez, elas provaram conhecer-me bem. Sempre que eu e o Vasco discutíamos ou nos afastávamos, eram os meus horários de sono que sofriam.

E os meus pulmões. E o meu fígado.

Sempre que eu o encontrava no lugar mais insólito, sem querer e sem estar à espera, acontecia a mesma coisa.

Contudo, também tinham sido muitas as vezes em que eu procurava um bar para afogar as mágoas e tentar esquecer. Portanto, sabia que não iria funcionar. O dia a seguir era pior: os sentimentos misturavam-se com a ressaca e a dor de cabeça deixava-me inerte e incapaz.

Não podia cair nessa espiral outra vez.

— De qualquer maneira, não estava com vontade de sair. Não se preocupem comigo, eu fico bem. Vão vocês — incentivei.

— Promete-me que o facto de ires para casa não significa que estás a pensar numa possível recaída — pediu a Matilde, com ar sério.

— Isso está fora de questão, amiga. Sei muito bem para onde não quero voltar. — E, desta vez, estava a dizer a verdade.

Claro que eu tinha dito muitas vezes que a minha história com o Vasco pertencia ao passado, mesmo quando toda a gente sabia que era mentira. Mas isso era outro assunto.

— Vou chamar um *Uber*, parar para comprar tabaco em qualquer lugar que esteja aberto a esta hora e aviso-vos quando chegar a casa. Por favor, se acontecer alguma coisa de interessante no lugar onde estiverem, avisem-me logo — olhei sugestivamente para a Matilde, de propósito. Ela é que era sempre a especialista em *coisas interessantes*.

— Liga-nos imediatamente se precisares de alguma coisa! — A Matilde abraçou-me com força, falando num tom que misturava a preocupação e o autoritarismo.

— Sim, claro que sim — concordei e despedi-me de ambas. — Obrigada por esta noite.

— Para a semana repetimos, em minha casa — propôs a Eva e eu concordei.

— Divirtam-se! Até amanhã — despedi-me e saí para a noite gélida.

Resolvi cancelar o Uber e caminhar até à bomba de gasolina mais próxima. Acendi outro cigarro. E esperei que o frio me congelasse os pensamentos.